


De “imbecil” à “paz do senhor”: efeitos de sentido numa live religiosa a partir da posição-sujeito de pastor/

From “imbecile” to “peace of the lord” effects of sense in a religious live from the subject-position of pastor

*Dalexon Sérgio da Silva**

Pós-Doutor em ciências da linguagem pela Universidade Católica De Pernambuco e Doutor em Programa de Doutorado-Sanduíche Pela Universidade de Lisboa e Universidade Aberta de Lisboa - Portugal.

 <https://orcid.org/0000-0002-5977-361X>

*Maria do Carmo Gomes Pereira Cavalcanti***

Doutora em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco.

 <http://orcid.org/0000-0002-3158-7209>

Recebido em: 08 dez. 2021. **Aprovado** em: 20 fev. 2022.

Como citar este artigo:

SILVA, Dalexon Sérgio da; CAVALCANTI, Maria do Carmo Gomes Pereira. De “imbecil” a “paz do senhor”: efeitos de sentido numa live religiosa a partir da posição-sujeito de pastor. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 11, n. 1, p. 44-64, mar. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8364467>

RESUMO

Este artigo analisa um vídeo, que foi publicado no site do Uol, no dia 19/09/2020, no qual um pastor faz uma live religiosa se dirigindo aos seus fiéis. No entanto, sem saber que a gravação já tinha iniciado, ele produz dois enunciados antagônicos. Primeiro, ao imaginar que a câmera estivesse desligada, destrata a sua esposa chamando-a de “imbecil”. Depois, ao imaginar que a câmera estivesse ligada, a partir desse momento, ele saúda aos seus ouvintes com “aceitem a paz do Senhor”. Assim, à luz da perspectiva teórica e dos procedimentos analíticos da Análise do Discurso de linha francesa (AD), baseado nos estudos de Pêcheux, na França, de Orlandi e estudiosos no Brasil, este trabalho objetiva analisar esses dois enunciados publicados em vídeo, atravessados pela historicidade e pelo funcionamento ideológico. Para isso, mobiliza os conceitos de sujeito, formação discursiva, efeitos de sentidos e memória discursiva, ao observar que a própria câmera usada para a live, não se mostra apenas como um objeto de filmagem de um evento social, mas funciona, por meio da exterioridade constitutiva, como objeto simbólico sócio-histórico que marca a presença de, pelo

*
 dalexon@uol.com.br

**
 carmingpc@yahoo.com.br

menos, duas formações discursivas antagonicas, nas quais o sujeito pastor apresenta no fio de seus discursos, promovendo efeitos de sentidos díspares em novas discursivizações.

PALAVRAS-CHAVE: posição-sujeito, formação discursiva, efeitos de sentidos, memória discursiva.

ABSTRACT

This paper analyzes a video, which was published on the uol website, on 09/19/2020, in which a pastor makes a religious live addressing his congregation; however, without knowing that the recording had already started, he promotes two antagonistic statements. First, when imagining that the camera was turned off, he abuses his wife by calling her "an imbecile". Then, imagining that the camera was on from that moment on, he greets his listeners with "accept the peace of the Lord." Thus, in light of the theoretical perspective and analytical procedures of the French Discourse Analysis (FDA), based on the studies of Pêcheux, in France, of Orlandi and scholars in Brazil, this work aims to analyze these two statements published in video, crossed by historicity and by ideological functioning. To this end, it mobilizes the concepts of subject, discursive formation, sense effects and discursive memory, observing that the camera used for live, is not only shown as a filming object of a social event, but works through the constitutive exteriority, as a socio-historical symbolic object that marks the presence of at least two antagonistic discursive formations in which the shepherd subject presents in the thread of his discourses, promoting different meaning effects in new discourses.

KEYWORDS: subject position, discursive formation, sense effects, discursive memory.

1 Considerações iniciais

O site do *Uol* surgiu em 1996, sendo este uma das precursoras de portais de conteúdos no Brasil. A empresa atua juntamente com mais quatro companhias pertencentes ao conglomerado de Mídia Grupo *Folha*. Foi esse mesmo *site* que apresentou, no dia 19/09/2020, uma reportagem intitulada: “Sem perceber câmera ligada, pastor xinga esposa antes da live: ‘imbecil’”, em que a matéria em questão relata a insatisfação de um sujeito pastor com a posição do instrumento de filmagem. Nesse contexto, é o pastor Edson Araújo na posição-sujeito marido “patriarcalista”, que xinga a esposa que o auxiliava, levanta-se e lhe dá um tapa. A agressão foi registrada pela câmera do celular sem que o pastor percebesse que a gravação ao vivo já tinha começado. Diante disso, o pastor retorna ao assento, xinga a esposa e, após se sentar, inicia a pregação dizendo: “aceitem a paz do Senhor”.

Na mesma data, no site da *Istoé*, houve a veiculação de uma manchete intitulada: “Sem saber que estava ao vivo, pastor dá tapa e xinga mulher em live”, apresentando a informação de que um pastor, da Igreja Deus é Amor, em São Paulo, agrediu sua esposa durante a transmissão de uma live. Na ocasião, o pastor Edson Araújo, incomodado com o ângulo da câmera, produz efeitos de sentidos de descontrole ao enunciar à esposa: “que saco, merda. Arruma as coisas direito, imbecil. Arruma o negócio direito”, sem perceber que está sendo filmado.

Na mesma data, o site *Pragmatismo político* produziu uma reportagem intitulada “Pastor evangélico agrade esposa sem saber que estava sendo filmado” promovendo a circulação de dois enunciados que colidem e impactam nas redes sociais. Como mencionado, este veículo de comunicação também foca no fato de que, antes de iniciar uma live, imaginando que a câmera estivesse desligada, o sujeito irrita-se com a posição do equipamento e destrata a sua esposa chamando-a de “imbecil”. Segundos depois, ao imaginar que a câmera estivesse ligada a partir desse momento, ele muda o tom e calmamente saúda aos seus ouvintes com “aceitem a paz do Senhor”.

Diante do enunciado do pastor, efeitos de sentidos circularam nas redes sociais, fazendo emergir críticas à postura do líder religioso. O enunciado corresponde ao já-dito, descritível dentro de uma materialidade linguística, cujo sentido irá emergir a partir das relações entre enunciados (ARAÚJO, 2014). Este artigo pretende responder às seguintes questões de pesquisa: Que efeitos de sentidos são produzidos pelos enunciados mobilizados pelo pastor? Como as formações discursivas se apresentam nestes enunciados? De que modo a memória discursiva e o interdiscurso estão presentificados nos dizeres do pastor?

Este artigo está distribuído de forma a apresentar ao leitor as considerações iniciais, objetivo, problematizações e o procedimento metodológico. No segundo momento do trabalho, pretende-se tecer algumas considerações teóricas acerca do dispositivo teórico e analítico que sustenta este trabalho, a Análise do Discurso de linha francesa, fundada por Pêcheux na Europa e desenvolvida no Brasil por Orlandi e outros estudiosos. Em seguida, pretende-se trazer a análise do corpus discursivo, constituído pelo vídeo extraído do site do *Uol*, veiculado no dia 19/09/2020, enfatizando os efeitos de sentidos, a formação discursiva, as posições-sujeito produzidas a partir do lugar de pastor, como lugar inscrito na historicidade pela exterioridade constitutiva. Assim sendo, este artigo analisa como determinados sentidos são autorizados e outros interditados, a partir da posição-sujeito de quem enuncia, interpelado pela ideologia, pelo atravessamento de formações discursivas heterogêneas, e pelo acionamento da memória discursiva, que favorecem a projeção das formações imaginárias em relação aos efeitos de sentidos que os dizeres produzem nos ouvintes. Em seguida, produzir-se-á o efeito de conclusão do trabalho com as considerações finais. Diante disso, vale salientar que se explanam, no próximo item, algumas considerações teóricas

mobilizadas neste trabalho.

2 Discurso religioso, formações discursivas, imaginárias, memória discursiva e interdiscurso na Análise do Discurso de vertente pecheuxiana

O discurso religioso tem como cerne a “aproximação” dos sujeitos (fiéis) com Deus, pelo assujeitamento a uma formação discursiva. No âmbito de qualquer discurso, não há como refletir sobre o sujeito apartado de seu assujeitamento ideológico. Assim, a constituição do indivíduo em sujeito acontece pela sua submissão à língua, à interpelação ideológica e à individualização pelo Estado e pelas instituições, sendo estas consideradas como família, escola, religião dentre outros (ORLANDI, 2007a). No Estado, nas instituições, sofremos seus efeitos, já que a prática discursiva se relaciona com as práticas sociais de forma geral (ORLANDI, 2011).

O discurso religioso é uma prática em que se observa o funcionamento da ideologia, em especial no que diz respeito ao lugar atribuído à palavra. Nesse interim, no discurso religioso fala a voz de Deus, que se materializa na voz do pregador e é marcado por uma dissimetria entre locutor e ouvinte, pois pertencem a duas ordens de mundo díspares e tocadas por um valor hierárquico desigual. No plano espiritual, o locutor é Deus, logo, eterno, infalível, todo-poderoso; os ouvintes são humanos, logo, mortais, falíveis. O mundo espiritual domina o temporal e a voz de Deus se fala no pregador “como se” Deus falasse. No entanto, o representante da voz de Deus não se confunde com Ele, não é Deus (ORLANDI, 2011). Ao padre, cabe interpretar a voz de Deus, pois, para isso, ele é ungido (DIAS, 1987).

Em outra obra, Orlandi (2007b), reelabora sua noção do discurso religioso. Nessa tipologia discursiva, Deus é o lugar da onipotência do silêncio. Nesse interim, o homem precisa desse lugar do silêncio, para colocar sua fala específica, a de sua espiritualidade. No discurso religioso, a religião institui outro sítio de significância a fala e um estatuto diferente aos dizeres do pregador. Outrossim, o silêncio é matéria significativa tanto quanto as palavras. Em relação ao silêncio local, a censura é a interdição do dizer, da inscrição do sujeito em determinadas formações discursivas Orlandi (2007b). Observa-se, acerca dessa forma de silêncio, que, baseando-se nos estudos de Althusser (1985), Pêcheux, (2009) afirma que só há ideologia pelo sujeito e para o sujeito. Assim, a

ideologia produz efeitos de evidência para o sujeito, pelos quais “todo mundo sabe” o que é um operário, um patrão e, acrescenta-se, um fiel, um pastor dentre outros.

No discurso religioso, o sujeito se marca pela sua submissão, pela adesão. Esse discurso reflete em si a palavra de Deus no sentido de reiterar, de uma repetição (ORLANDI, 1987). No discurso religioso existe uma não reversibilidade, ou seja, não há troca de papéis na interação e, por isso, é considerado autoritário, ou seja, há uma tendência a uma monossemia na linguagem e busca-se anular a dinâmica de tomada da palavra pelo ouvinte. Nessa tipologia discursiva, o locutor produz o sentido de agente exclusivo, apagando sua relação com o interlocutor. Entretanto, existe a ilusão de reversibilidade, o “falar” com Deus através do pregador. Diante disso, o milagre é a corroboração da ilusão de reversibilidade, da intercambialidade de um plano a outro (ORLANDI, 2011).

Para os fiéis, o porta-voz de Deus alça uma relação hierárquica de comando, por estar num patamar elevado na cadeia hierárquica cristã. Na discursivização religiosa, vive-se o puro, o sagrado e, para os seguidores de uma religião, leis divinas são prescritas, o mal circunda frente aos sujeitos fiéis, os quais são dotados constitutivamente em sua natureza para uma tendência à transgressão (ALMEIDA, 2000).

Existe a sobredeterminação do verbal no discurso religioso produzindo, como efeito ideológico, a transparência do sentido. Desse modo, a discursividade religiosa se presentifica por determinadas formas de linguagem (ALMEIDA, 2000). Conforme Orlandi (2011), aí há o uso do vocativo, do imperativo de metáforas. A própria fala é ritualizada, mesmo quando se configura por uma relação de fala informal. Isso ocorre porque “quando se fala com Deus, se o faz por orações ou por expressões mais ou menos cristalizadas (como: Ó meu Deus! Faça com que...)” (ORLANDI, 2011, p. 247) e pode-se colocar como adendo o sujeito que fala em nome de Deus: A paz esteja com todos; aceitem a paz do Senhor...

Conforme Orlandi (2012a 2012b, 2012c, 2012d, 2011, 2013, 2017), todo discurso do sujeito é ideologicamente marcado. A autora (1998, 2012d, 2013) afirma que o sujeito é um sítio de significação historicamente constituído, ou seja, uma posição. Consoante a isso, conforme assinalou Pêcheux (2009), a posição sujeito caracteriza-se como um objeto imaginário que ocupa um espaço no processo discursivo. Essa posição não equivale à presença física e aos lugares empíricos numa

estrutura social. Esses lugares são representações no discurso.

Segundo Pêcheux (2014), há, em toda sociedade, regras de projeção, que implica na habilidade de se imaginar no lugar do ouvinte, a partir do próprio lugar. As formações imaginárias repousam nas condições de produção, que se referem ao contexto imediato de enunciação e ao contexto sócio-histórico e ideológico. Nesse interim, as formações imaginárias possuem mecanismos de funcionamento, ou seja, todo dizer aponta para outros já-ditos como para dizeres futuros, possíveis. Na antecipação, o sujeito antecipa-se ao interlocutor em relação aos efeitos de sentidos que pensa produzir no ouvinte. Nas relações de força, o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo de seu dizer, de forma que, por exemplo, a fala do professor vale mais do que a do aluno, por uma questão hierárquica. De acordo com Pêcheux (2014, p. 82), “[...] o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem do próprio lugar e do lugar do outro [...]”.

Pêcheux (2014) prossegue afirmando que qualquer formação social possui regras de projeção que estabelecem relações entre as situações empíricas e as representações dessas situações. Existem diferentes situações que correspondem a uma mesma posição e uma situação pode ser representada como várias posições. Como atesta Silva (2019), o que o sujeito espera que faça sentido para o interlocutor é uma interpretação de um discurso anterior, que faz parte das formações imaginárias do sujeito falante e produz imagens dos sujeitos, dos objetos do discurso. Tecendo considerações sobre o “esquema informacional” de Jakobson, Pêcheux (2014) afirma que não se trata de transmissão de informação entre A e B, mas de “efeitos de sentidos” entre interlocutores, onde A e B designam determinados lugares na formação social, por exemplo, lugares de patrão, de operário. Esses lugares correspondem a representações nos processos discursivos.

Diante disso, vale salientar que o sujeito da AD não é fonte nem origem do dizer, mas se percebe como tal afetado pelo esquecimento número 1, que ocorre a nível inconsciente. Essa ilusão é constitutiva do sujeito. A interpelação é o assujeitamento do sujeito enquanto sujeito ideológico, de modo que cada sujeito é conduzido sem perceber, tendo a impressão de estar agindo conforme sua vontade, a ocupar um lugar na formação social, e isso é um efeito ideológico elementar, conforme apregou Pêcheux (2009).

De acordo com Orlandi (2012a, 2012b, 2012c, 2012d, 2011, 2013, 2017), a ideologia não é ocultação, mas faz parte da relação entre linguagem e mundo e corresponde à relação imaginária do sujeito com as condições materiais de existência. É a mesma Orlandi (2007a, 2012a, 2012b, 2012c, 2012d, 2011, 2013, 2017) que vai afirmar que há uma injunção ao sujeito à interpretação e, da mesma forma que Pêcheux (2009), acredita que uma palavra significa diferentemente, dependendo da posição do sujeito e de sua inscrição em uma ou outra formação discursiva. Segundo Pêcheux (2009), o sujeito é dominado por uma FD com a qual ele se (des) identifica e que o constitui, enquanto sujeito discursivo e ideológico, como atesta Silva (2019).

Assim, o sujeito da AD não é o empírico, uno, psicológico, mas é clivado, cindido, entre ele, “o outro” (interlocutor) e o Outro (inconsciente/interdiscurso) e se constitui como sujeito pela interpelação ideológica (PÊCHEUX, 2008, 2009). Dessa forma, os sujeitos fiéis são interpelados ideologicamente pela “Igreja”, pois esta se constitui como objeto simbólico, lugar de interpretação e de administração de sentidos, como afirma Almeida (2000). Pelo acionamento da memória discursiva, os fiéis percebem a igreja como lugar de purificação, “interlocação com Deus”.

Conforme afirma Pêcheux (1999):

[...] a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível [...] (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Vale destacar que a memória discursiva é compreendida por Orlandi (2013) como interdiscurso. Para que nossas palavras façam sentidos, elas já tinham sentido, pois corresponde a um saber falado anteriormente, em outro lugar e que atravessa nossos discursos. Adota-se, neste artigo, a noção de memória discursiva como sendo algo diferente de interdiscurso. Desse modo, a memória discursiva é uma regionalização do interdiscurso, circunscrita ao que pode ser dito em uma formação discursiva (FD) e, portanto, é lacunar, esburacada, sendo, então, destacado que a memória do interdiscurso é totalizante, saturada (INDURSKY, 2011a).

Conforme Ferreira (2020), as memórias discursivas são possíveis dizeres que se atualizam no momento da enunciação, como efeito de um esquecimento relacionado a um processo de deslocamento da memória. Sob esse escopo de investigação, a memória discursiva é resultante de

uma disputa de interpretações para acontecimentos pretéritos ou presentes. Pode-se afirmar que memória discursiva atravessa as FD. Nesse sentido, o conceito de formação discursiva (FD) foi criado por Foucault e ressignificado por Pêcheux, que procura mostrar em seus estudos que todo sujeito é interpelado pela ideologia e essa é materializada no discurso. Dessa forma, Pêcheux afirma que:

Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada, determinada pelo estado da luta de classes determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) [...] (PÊCHEUX, 2009, p.147).

Não se pode dizer o que se quer em qualquer situação, pois palavras, expressões derivam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam e o discurso depende da formação discursiva em que o sujeito está inscrito (PÊCHEUX, 2009). Outra noção relevante para a análise deste artigo é a noção de interdiscurso. De acordo com Pêcheux (2009, p.149): “[...] propomos chamar interdiscurso a esse “todo complexo com dominante” das formações discursivas [...]” “algo fala” sempre “antes, em outro lugar e independentemente”. Isso porque o interdiscurso é a exterioridade que determina a interioridade ou intradiscurso.

De acordo com Indursky (2011a, p. 87) o interdiscurso [...] “funciona como uma memória de todos os dizeres [...]” Nesse direcionamento, se um sentido não pode mais ser lembrado dentro de uma FD, ele não pode ser apagado do interdiscurso. O interdiscurso abarca a memória discursiva e refere-se ao complexo de todas as FD; todos os sentidos produzidos aí se presentificam, e não apenas aqueles que são autorizados pela forma-sujeito. Destarte, nada do que foi dito pode estar ausente porque o interdiscurso não é dotado de lacunas e amálgama todos os sentidos produzidos por vozes anônimas, mesmo aquelas que já foram esquecidas.

Nessa esteira de discussões, Costa (2020), compreende o interdiscurso como o sítio de retorno de saberes da memória discursiva através do qual efeitos de sentidos são (re)produzidos dentro de cada FD. O interdiscurso se marca no nível de constituição do discurso, trabalha com a ressignificação do sujeito obre o já-dito, o repetível, determinando as movências do sujeito nas fronteiras de uma FD. O interdiscurso aparece como o puro “já-dito”. Conforme Orlandi (2012d, p. 74) ele “não está alocado em lugar nenhum, é uma trama de sentidos”.

Pêcheux (1999, 2009, 2014) considera que o interdiscurso determina a FD dominante. É na FD que ocorre a constituição do q e identificação do sujeito. Para Pêcheux (2009), há modalidades discursivas de funcionamento subjetivo para a tomada de posição e a identificação ou não a uma determinada FD. Na primeira modalidade de funcionamento subjetivo, ocorre a realização do assujeitamento sob a forma de autonomia, livre vontade. Nesse âmbito, é possível afirmar que o sujeito se identifica a uma determinada FD. Conforme Indursky (2005), só há “espaço” para os mesmos sentidos. O sujeito identifica-se com a forma-sujeito, responsável pela organização dos saberes que se inscrevem em uma FD. É o que Pêcheux nomeia como discurso do “bom sujeito”.

A segunda modalidade caracteriza o discurso do “mau sujeito”, pois já existe dúvida, questionamento, distanciamento, contestação em relação à FD em que o sujeito está inscrito, embora permaneça nela. O sujeito contra-identifica-se à forma-sujeito, a alguns saberes da FD que o afetam e estabelece uma resistência a essa forma-sujeito e aos saberes que ela organiza. Na terceira modalidade de funcionamento subjetivo, há uma transformação-deslocamento. Há uma desidentificação do sujeito com uma FD e sua forma-sujeito e uma identificação a outra FD.

Conforme Indursky (2011), a FD tem fronteiras porosas que possibilitam o trânsito entre diferentes FD. Isso acontece com diferentes objetos simbólicos e em diferentes âmbitos: social, político, midiático, religioso dentre outros, pois, como assevera Orlandi (2007a, 2007b, 2012a, 2012b, 2012c, 2012d, 2011, 2013, 2017), o sentido é errático e o sujeito é itinerante.

Outra noção pertinente neste trabalho é a de efeitos de sentidos. Conforme Orlandi (2012a, 2012b, 2012c, 2012d, 2011, 2013, 2017), os sentidos não podem ser quaisquer um, e o que importa são seus efeitos.

Compreender o que é efeito de sentidos, em suma, é compreender a necessidade da ideologia na constituição dos sentidos e dos sujeitos. É da relação regulada historicamente entre as muitas formações discursivas (com seus muitos sentidos possíveis que se limitam reciprocamente) que se constituem os diferentes efeitos de sentidos entre os locutores. Sem esquecer que os próprios locutores (posições do sujeito) não são anteriores à constituição desses efeitos mas se produzem com eles. Importa ainda lembrar que o limite de uma formação discursiva é o que a distingue de outra[...] o que permite pensar[...] que a formação discursiva é heterogênea em relação a ela mesma, pois já evoca por si o “outro” sentido que ela não significa[...]” (ORLANDI 2007b, p. 21).

Conforme Indursky (2011a), o discurso alça a um regime de repetibilidade pelo fato de ter

vido repetido intensamente ao logo dos tempos, e, em decorrência disso, ganhou regularização. Ocorre que novas formulações provocam alterações nos sentidos cristalizados, promovendo uma desestabilização nos processos de regularização.

A movimentação de efeitos de sentidos desestabilizados entrará em deriva, permitindo que se linearizem na formulação falhas, equívocos, lapsos (LASSEN, 2010). Outrossim, os efeitos de sentidos criam muitos sítios de significância a depender da posição sujeito inscrito em uma FD. Levando a cabo tais considerações, a seguir analisaremos o corpus discursivo.

3 Por um gesto teórico-analítico

Figura 1: Materialidade analisada



Enunciados mobilizados pelo pastor:

- 1) "Faz as coisas direito, imbecil"
- 2) "Arruma o negócio direito, vai Débora"
- 3) "Aceitem a paz do Senhor"

Fonte: Site Uol. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/09/19/sem-perceber-camera-ligada-pastor-xinga-esposa-antes-de-live-imbecil.htm>

Aqui, apresentamos o nosso gesto de interpretação sobre o batimento do nosso procedimento teórico-analítico, analisando o que aparentemente se mostra como óbvio, mas que, pela ótica da Análise Materialista do Discurso de vertente pecheuxtiana, pode ser questionada essa obviedade de que a câmera possui a funcionalidade de gravar e transmitir a *live* do sujeito pastor. Isso pois, de acordo com Pêcheux (1999) e com Orlandi (2007, 2011, 2012a 2012b, 2012c, 2012d, 2013, 2017), entendemos que a câmera se mostra em seu funcionamento como objeto carregado de historicidade, que produz sentidos a partir de sua inscrição no imaginário que lhe atravessa e constitui. Conforme Orlandi (2007b, 2011, 2012a 2012b, 2012c, 2012d, 2013, 2017), sentidos represados/interditados escapam para qualquer objeto simbólico para se significar.

Assim, compreendemos que a câmera se mostra nessa *live* como uma materialidade discursiva que aponta para o interdiscurso, como um lugar de inscrição do discurso, que, inscrita na historicidade constitutiva, determina seu funcionamento pela historicidade aí presente. Desse modo, não nos interessa analisar uma câmera como objeto físico, que grava e que transmite imagens e sons, mas como um objeto simbólico, pois funciona numa unidade de sentido em relação à situação, em sua discursividade.

Nesse ponto, analisamos as condições de produção do discurso mobilizado por Edson Araújo, que, na data do acontecimento, ocupava a posição-sujeito de pastor da Igreja Pentecostal Deus é Amor (afastado do cargo pela igreja depois da *live*). Conforme mencionado anteriormente, ele xingou sua esposa antes de iniciar uma *live* religiosa que seria transmitida em redes sociais. A agressão verbal foi registrada pela câmera do celular sem que ele percebesse que a gravação ao vivo já havia iniciado. No vídeo, que circula em redes sociais e sites de notícias gospel, também, Araújo está sentando se preparando para uma pregação quando levanta para ajeitar a posição do equipamento que faria a filmagem. Um barulho de tapa é ouvido por trás da câmera e o equipamento se mexe.

Araújo retorna ao assento enquanto xinga a mulher, Debora, com quem realiza as transmissões na internet. "Faz as coisas direito, imbecil", diz ele. "Arruma o negócio direito, vai Débora", acrescenta, nervoso. Após se sentar e respirar fundo, ele se dirige à câmera, já iniciando a pregação: "Aceitem a paz do Senhor"

Diante do exposto, é possível percebermos que a câmera do celular do pastor, pensada como objeto simbólico, marca pelo menos a presença de duas formações discursivas nas quais se inscrevem duas posições-sujeito que se mostram como antagônicas, a *formação discursiva de pastor* (que deve se posicionar como o propagador das verdades divinas, o semeador da paz, união e amor entre os fiéis) e a *formação discursiva de marido* (que se apresenta na *live* como machista, autoritário e com requintes de agressividade). É nesse olhar sobre um objeto simbólico que Pêcheux (2009, p. 147) afirma que a formação discursiva é "aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada, determinada pelo estado da luta de classes determina o que pode e deve ser dito". Isso ocorre, porque de acordo com Orlandi (2012d, p. 30), "diante de qualquer objeto simbólico 'x' somos instados a interpretar o que 'x' quer dizer?". Nesse movimento da interpretação,

aparece-nos como conteúdo já lá, como evidência, o sentido desse ‘x’. ... A interpretação é sempre regida por condições de produção específicas que, no entanto, aparecem como universais e eternas. A injunção à interpretação diante de qualquer objeto simbólico é justamente o cerne de funcionamento das ideologias que interpelam sujeitos a produzirem sentidos. Logo, faz parte do processo de constituição dos sentidos/saberes/sujeitos.

Pelo viés da AD, Edson Araújo é constituído em sujeito pela interpelação ideológica, pois a ideologia é da ordem da interpretação e é justamente ao interpretar que o sujeito é atravessado pelas ideologias que circulam numa dada conjuntura social (PÊCHEUX, 1999, 2014).

Assim, vemos o funcionamento da ideologia machista marcada pelo autoritarismo presente no enunciado do sujeito Edson, ao enunciar “imbecil”, bem como a movência da formação ideológica cristã, quando este enuncia: “Aceitem a paz do Senhor”, Essa superfície linguística aponta para a exterioridade constitutiva na historicidade, para o já-dito noutra lugar, que marca o evento social no qual um cristão evangélico, principalmente se associado a uma vertente pentecostal, deve enunciar ao se encontrar com alguém da mesma corrente de fé: “A paz do Senhor, meu irmão (minha irmã)”. É aqui que vemos funcionando a presença do olhar pelo viés da AD, que levou Pêcheux (2014) a afirmar, em seus estudos, que alguma coisa fala antes em algum lugar independente e diferentemente.

Todavia, é importante ressaltarmos que o sujeito também se constitui pela submissão à língua e também por ser individua(liza)do pelo Estado e pelas instituições sociais, pois ele age afetado pelo “padrão” determinado sociohistoricamente por tais instituições, por exemplo, pela igreja, pela escola etc. Assim, Edson Araújo, individuado pela instituição religiosa *Deus é Amor*, identifica-se também por meio de sua inscrição numa formação discursiva de pastor e pelos sentidos e saberes que nela circulam. Logo, inscrito na FD de pastor, circulam sentidos de promoção da paz de Cristo, da conversão e dos bons frutos apregoados pelo amor, que os sujeitos cristãos devem produzir.

É desse modo que quando o sujeito pastor mobiliza o enunciado 3) “Aceitem a paz do Senhor”, ocorre, na *live*, nesse momento, um apagamento da formação discursiva de marido, que se mostra autoritário, pois quando ele percebe (formações imaginárias atravessadas) que a câmera está ligada, ao vivo, ele se posiciona noutras condições de produção do discurso, tocado pelas

formações imaginárias do que pode e/ou deve ser dito por um pastor evangélico pentecostal, em sua forma-sujeito cristão.

Já quando ele não percebe que a câmera está ligada, vemos sua inscrição na FD machista, autoritária, conforme podemos observar nos enunciados 1 e 2, respectivamente: “Faz as coisas direito, imbecil”, “Arruma o negócio direito, vai Débora”. Vemos aqui, o que Pêcheux (2014, 2008, 2009); Pêcheux e Fuchs (2014) entendem como o estado de luta de classes. Aqui, podemos analisar a posição da mulher sendo construída como inferior à posição do homem, pois ele é constituído pelo discurso autoritário, o que faz com que o sujeito Edson atribua a sua mulher o papel daquela que tem que lhe servir, de quem tem que fazer as coisas para ele. Os verbos “Arruma” e “Faz” num tom imperativo que se mostram na superfície linguística demonstram que a posição-sujeito esposa analisada nesta *live* se apresenta como aquela que deve fazer e arrumar as coisas para o marido a fim de agradá-lo, já que, conforme salienta Pêcheux (2012, 2009), o sentido também deriva da sintaxe.

Contudo, com efeito de gradação, o marido se posiciona como aquele que tem o direito de exigir, não apenas que a esposa lhe sirva, mas que ela lhe sirva de modo direito, ao enunciar: “faz as coisas direito”, “arruma o negócio direito”. Assim, ele se posiciona de modo a exigir que a esposa busque a completude em lhe servir do modo que ele considera ser “direito”. Mas, afinal, o que é direito? Aqui, analisamos como sendo a conveniência dos mais fortes no estado de luta de classes entre marido e esposa. Qual é a posição que cabe nesta relação mostrada no vídeo? Observamos ser a de passividade, de servir ao marido, de obedecer às suas ordens.

Desse modo, há uma tendência a não-reversibilidade, já que a mulher não atua como interlocutora, e o marido sinaliza como único locutor. Segundo Orlandi (2011, p. 239), “[...] a reversibilidade é a condição do discurso”. A posição-sujeito esposa, no papel social atribuído culturalmente à mulher, se mostra como aquela que deve buscar a completude no dizer do marido, que se mostra com o direito de desqualificar os serviços de sua cônjuge, ao ponto de chegar ao ápice de usar o termo linguístico “imbecil”, mobilizando efeitos de sentidos depreciativos para adjetivar sua esposa como inútil, com inteligência curta ou tola, por exemplo. Conforme Orlandi (2013, p. 34), a AD procura “escutar o não-dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária [...]”

De acordo com Orlandi (2013, p. 26) “[a] Análise do Discurso visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos [...]”. É desse modo que a câmera, tomada como objeto simbólico (que produz sentidos atravessados pelas formações imaginárias), em sua materialidade discursiva (forma material das práticas discursivas), ocupa um sítio de significância em nossa análise, pois, como já-dito, ela marca justamente a mudança de posição do sujeito Edson que, interpelado principalmente pelas ideologias cristã e machista, se mostra inscrito em formações discursivas diversas. Nesse viés, podemos compreender que a câmera faz promover uma rede de filiações de sentidos de repressão, mas, também, movimenta uma rede de filiações de sentidos de pacificação, de união, numa relação com o transcendental (O Senhor Deus-O Grande Outro).

É assim que o sujeito se subjetiva como pastor e como marido. Entre sentidos e saberes de “imbecil” a “paz do Senhor”, o sujeito vai se subjetivando afetado pelo imaginário do que pode e/ou deve ser dito à sua comunidade religiosa a partir do registro do evento social transmissão de *live* ao se imaginar a possibilidade da câmera estar ligada, transmitindo seus enunciados ou estar desligada, não transmitindo os seus ensinamentos que, no âmbito das formações imaginárias, a sua comunidade religiosa deseja ouvir de um pastor da igreja evangélica Deus é Amor, pois, conforme nos mostra Pêcheux (2008), todo o dizer se dá num gesto sociohistoricamente situado a determinadas condições nas quais os discursos são mobilizados numa dada conjuntura social.

Segundo Indursky (2011b), “[...] é o interdiscurso que determina uma FD, ou seja, o interdiscurso contém os dizeres que não podem ser ditos no âmbito de uma dada FD [...]”. Do exposto, é preciso sinalizar que é possível, dentro da *formação discursiva de pastor*, haver sentidos e saberes que (re)lutem contrariamente nela, pois Pêcheux, ao deslocar sua teoria, da primeira à terceira época da AD, revisitando-a, mostrou-nos haver a heterogeneidade das formações discursivas. Mediante isso, entendemos que, no interior de uma FD, coexistem discursos provenientes de outras formações discursivas, o que implica no favorecimento da diferença e da contradição, como características constitutivas de uma FD. Por conseguinte, toda formulação possui, em seu domínio associado, outras formulações que ela repete, refuta, transforma, nega, enfim, em relação às quais se produzem certos efeitos de memória específicos (COURTINE, 2009).

Contudo, o que buscamos, neste artigo, não é homogeneizar formações discursivas (concepção deslocada por Pêcheux), mas, de forma didática, refletir sobre o modo como o sujeito

transita por diferentes formações discursivas, produzindo o apagamento de determinados sentidos e saberes provenientes das FDs nas quais ele se inscreve entre o possível (como ele pode se posicionar ao imaginar que a câmera desligada?) e o historicamente determinado (como ele deve se colocar como pastor perante os fiéis).

Nesse ponto, ao imaginar que a câmera está desligada, o sujeito marido nos permite perceber a presença do interdiscurso, pois há muitas FDs circulando, já que, a partir de Pêcheux (2009), entende-se o interdiscurso como um complexo de FDs. É desse modo que o interdiscurso é saturado, pois não há um efeito lacunar. Então, baseados em Indursky (2011a), analisamos que o interdiscurso abarca a memória discursiva e todas as FDs: por exemplo, *FD de pastor* (mesmo ele se posicionando como bruto), a *FD autoritária* e a *FD de marido*.

Todavia, analisamos que, ao perceber que a câmera estava ligada e que sua comunidade de fiéis já poderia ter acesso ao que se espera ouvir de um pastor, daquele que deve se posicionar como o porta-voz de Deus, daquele que é autorizado pela comunidade religiosa para falar no silêncio divino, ele nos faz observar o funcionamento da memória discursiva sobre sentidos e saberes que se espera ouvir de um pastor inscrito nesta formação discursiva (aquele que prega a paz, o amor, a união, o respeito ao próximo, dentre outros valores). É sobre esse modo de funcionamento que Pêcheux (2014) nos diz que em qualquer formação social há regra de projeção que estabelecem relações entre as situações empíricas e as representações dessas situações.

Do exposto, a memória discursiva analisada é lacunar, uma memória que não abarca todas as FDs, mas a FD na qual o sujeito pastor deve estar identificado para enunciar à sua comunidade religiosa, no caso, a *FD de pastor*, que, no vídeo em questão, mostra-se contra-identificada à *FD machista*, que se apresenta como agressiva quando ele imagina que a câmera está desligada.

Desse modo, ao analisarmos tais aspectos, vemos que os efeitos de sentidos produzidos nesta *live* se dão principalmente pela presença da câmera de celular, tomada como objeto simbólico, que leva o sujeito analisado a nos mostrar que há sentidos não autorizados a circular em determinadas condições de produções (evento social no qual um pastor se dirige religiosamente aos seus fiéis). Logo, sentidos de violência devem ser silenciados, mas observamos que tais sentidos circulam livremente no âmbito das condições de produção da formação discursiva de marido, que se

mostra como quem deve ser servido pela esposa que deve obediência às suas ordens (“Faz as coisas direito, imbecil”, “Arruma o negócio direito, vai Débora”).

De acordo com Pêcheux (2008, 2009), a ideologia é um ritual com falhas, brechas, fraturas, o que faz com que nenhum sujeito esteja plenamente identificado a uma formação discursiva. O que era da ordem do “impossível”, do não-dito na FD de pastor, aparece agora como o que pode e deve ser dito, na FD de marido, surgindo uma nova rede de formulações que se contra-identifica a uma rede de filiação de sentido da FD de líder religioso.

Assim, a memória discursiva faz emergir, no fio do discurso, um funcionamento discursivo característico de um determinado momento histórico. No momento em que, na posição-sujeito marido, há uma produção de efeitos de sentidos de violência, de desrespeito, tal instância permite notarmos a retomada de uma conjuntura sócio-histórica em que o marido é o provedor e autoridade na seio familiar, que pode e deve dizer e fazer o que quiser, pois é o “cabeça”, o patriarca que lidera as decisões dentro e fora do lar.

Dessa forma, os dizeres do sujeito pastor se atualizam no momento da enunciação, como efeitos de um esquecimento de algo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Na posição sujeito de marido, se significa pelo desrespeito e mando que faz parte de um processo histórico em que a voz da mulher é silenciada, o que resulta numa disputa de gestos de interpretações acerca de como deve agir o sujeito inscrito na FD de pastor, que também está inscrito numa FD de autoridade familiar.

É desse modo que o discurso mobilizado por Edson Araújo, ao ocupar a posição-sujeito de pastor e de marido, produz efeitos de sentidos nessa *live*. Quanto ao conceito de discurso propriamente dito, retomamos que ele é entendido aqui, como efeito de sentidos entre locutores (PÊCHEUX, 2014). Trata-se de efeito justamente porque, ao se refutar as “transparências” (do sujeito, da linguagem, da história, da “realidade”), o que resta ao sujeito são efeitos (de objetividade, de transparência, de comunicação bem-sucedida...).

Considerações finais

As religiões vêm se transmutando em suas estruturas litúrgicas, ao se aventurarem em novas formas de evangelização que ultrapassam a televisão, a mídia impressa, o rádio e alcança

os meios digitais. Parafraseando Melo (2015), o processo de mediação do discurso religioso possibilita às Igrejas atingir um público maior e mais diversificado e impõe aos religiosos novas formas de “interlocução” com os fiéis.

Desse modo, as redes sociais permitem, também, que se produzam efeitos de sentidos positivos ou negativos acerca do locutor, a exemplo do que acontece nas condições de produção analisadas neste artigo em relação ao pastor Edson. Foi desse modo que o artigo em pauta trouxe discursos religiosos historicamente marcados, materializados em uma unidade discursiva que possibilita o já-dito ser inscrito numa memória e numa atualidade para enunciar, promovendo descrições e reflexões.

A partir do procedimento teórico-analítico da Análise Materialista do Discurso de vertente pecheuxiana (AD), pudemos analisar que o sujeito religioso se posiciona num tempo e num espaço socialmente situados, na imbricação entre o linguístico e o social, levando-se em consideração que, para Pêcheux (1997), a interpretação é materializada na/pela história, e é desse modo que a ideologia funciona e interpela sujeitos a ocuparem posições numa dada conjuntura social.

Desse modo, buscamos responder às seguintes questões de pesquisa que nos inquietaram neste artigo: Que efeitos de sentidos são produzidos pelos enunciados mobilizados pelo pastor? Como as formações discursivas se apresentam nestes enunciados? De que modo a memória discursiva e o interdiscurso estão presentificados nos dizeres do pastor?

Assim, analisamos que os enunciados “Faz as coisas direito, imbecil”, “Arruma o negócio direito, vai Débora” e “Aceitem a paz do Senhor”, mobilizados por meio da posição-sujeito de pastor e de marido, produziram efeitos de sentidos de machismo, patriarcalismo, brutalidade, xingamentos, depreciação e, de forma oposta, contraditoriamente, efeitos de sentidos de religiosidade e de paz.

Observamos que a memória discursiva e o interdiscurso, atravessados pelas formações imaginárias do sujeito, trazem o já-dito sobre a formação discursiva de pastor e de marido, pois, ao imaginar que a câmera do celular estivesse desligada, o sujeito marido nos fez perceber que havia muitas FDs circulando (marido, pastor, esposa, machista, evangélica, entre outras).

. Por conseguinte, vimos como o interdiscurso é saturado, não havendo nele um efeito lacunar e, conforme nos mostra Indursky (2011a), analisamos que o interdiscurso abarca a memória discursiva e todas essas FDs trazidas em nossa análise. Ao perceber que a câmera estava ligada e

a sua comunidade religiosa já poderia ter acesso ao que se espera ouvir de um pastor, como o porta-voz de Deus, que é autorizado pela comunidade religiosa para falar no silêncio divino, tal sujeito enunciador nos permitiu analisar o funcionamento da memória discursiva acerca de sentidos e saberes que se espera ouvir de um pastor inscrito nesta formação discursiva (aquele que prega a paz, o amor, a união, o respeito ao próximo, entre outros valores).

O efeito de contradição entre a posição-sujeito de pastor e a posição-sujeito de marido se dá porque, conforme nos salienta Almeida (2000), para os fiéis, o pastor é o porta-voz de Deus, que alça uma relação de hierarquia em seu comando, por estar, desse modo, num patamar mais elevado na cadeia hierárquica cristã. Logo, o que se espera de um pastor é que ele também apresente bons atributos na posição-sujeito de marido, que deve ser pacificador e amoroso, conforme os ensinamentos bíblicos, como aqueles contidos no livro de *Efésios* 5: 21-26 (BÍBLIA SAGRADA, 1993), onde é afirmado: “Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela”. Logo, sendo a Bíblia o livro que serve como regra de fé e de práticas do sujeito cristão, é de se compreender que tais relatos circulem na memória discursiva da comunidade evangélica Deus é Amor, para quem o sujeito pastor se dirige nesta *live* aqui observada.

Do exposto, a memória discursiva analisada nos apareceu como lacunar, uma memória que não inclui todas as FDs, mas a FD na qual o sujeito pastor deve estar identificado para enunciar ao seu público, no caso, a FD de pastor, que, neste artigo, se mostrou contra-identificada à FD machista, que se apresenta como agressiva, quando o sujeito imagina que a câmera está desligada.

Finalmente, é importante assinalar que não buscamos falar de crenças ou descrenças, nem de valores morais ou espirituais de uma dada religião, mas de um objeto simbólico (termo mais adequado teoricamente em relação ao arcabouço utilizado do que objeto do conhecimento), que produz efeitos de sentidos numa *live* a partir da posição-sujeito de pastor (marido).

CRedit

Reconhecimentos: Não é aplicável.

Financiamento: Não é aplicável.

Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.

Aprovação ética: Não é aplicável.

Contribuições dos autores:

Conceitualização, curadoria de dados, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Recursos, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição. DA SILVA, Dalexon Sérgio; CAVALCANTI, Maria do Carmo Gome Pereira.

Referências

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*. São Paulo: Martins Fontes, Lisboa, 1985.

ALMEIDA, Eliana de. *Discurso religioso: Um espaço simbólico entre o céu e a terra*. 2000. 143 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

ARAÚJO, Annyelle de Santana. As noções de enunciado para Bakhtin, Foucault e Pêcheux. *Revista Linguagem. Estudos e pesquisas*, Catalão, v.18, n.1, p.181-206, 2014.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2 ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político*. O discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

COSTA, Maria Alcione Gonçalves da. A luta pelo poder dizer “impeachment” e “golpe” na narrativa midiática do impedimento de Dilma Rousseff. *Revista da Abralin*, v.19, n. 3, p. 504-529, 2020.

DIAS, Romualdo. *De Deus ao povo*. In: ORLANDI, Eni Pucinelli (Org). *Palavra, Fé, Poder*. Campinas: Pontes, 1987.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org). *Glossário dos termos do discurso*. Campinas: Pontes, 2020.

ORLANDI, Eni Pucinelli. Discurso e argumentação: um observatório do político. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, n. 1, p. 73-81, jul./ dez. 1998.

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). *Memória e história na/da Análise do Discurso*. Campinas: Mercado de Letras, 2011a, p. 67-88.

INDURSKY, Freda. Formação discursiva: Ela ainda merece que lutemos por ela? In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO-SEAD, 2., 2005. Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS. p. 1-11.

INDURSKY, Freda. Da interpelação à falha no ritual: A trajetória teórica da noção de formação discursiva. In: BARONAS, Roberto Leiser. (org). *Análise de Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. 2. ed. São Carlos: Pedro e João, 2011b.

LASSEN, Dulce Beatriz Mendes. Efeitos de sentido: tentativa de contenção e deslizamento. *Cadernos do IL*, n. 40, p. 73-82, 2010.

MELO, Mônica Santos de Souza. A utilização das redes sociais pela igreja: novas formas de diálogo

com o fiél. *Glauks*, v. 15, n. 01, p. 71-86, 2015.

ORLANDI, Eni Pucinelli. Os falsos da forma. In: ORLANDI, Eni. P. (org) *Palavra, Fé, Poder*. Campinas: Pontes, 1987, p. 11-28.

ORLANDI, Eni Pucinelli. A questão do assujeitamento: um caso de determinação histórica. *Revista eletrônica de jornalismo científico*, 2007a. Disponível em: <https://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=26&id=296> Acesso em: 05 out. 2021.

ORLANDI, Eni Pucinelli. *As formas do silêncio*. No movimento dos sentidos. 6 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007b.

ORLANDI, Eni Pucinelli. *Discurso e leitura*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012a.

ORLANDI, Eni Pucinelli. *Discurso em análise*. Sujeito, sentido, ideologia. 2. ed. Campinas: Pontes, 2012b.

ORLANDI, Eni Pucinelli. O discurso religioso. In: ORLANDI, Eni P. *A linguagem e seu funcionamento*. 6. ed. Campinas: Pontes, 2011, p. 239-262.

ORLANDI, Eni Pucinelli. *Análise de Discurso*. Princípios e Procedimentos. 11. ed. Campinas: Pontes, 2013.

ORLANDI, Eni Pucinelli. *Discurso e texto*. Formulação e circulação dos sentidos. 4. ed. Campinas: Pontes, 2012c.

ORLANDI, Eni Pucinelli. *Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 6. ed. Campinas: Pontes, 2012d.

ORLANDI, Eni Pucinelli. *Eu, Tu, Ele*: Discurso e real da história. 2. ed. Campinas: Pontes, 2017.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, François; HAK, Tony. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso*. Estrutura ou acontecimento. Tradução Eni P. Orlandi. 5. ed. Campinas: Pontes, 2008.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Pucinelli Orlandi et al. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, Michel.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, François; HAK, Tony. (Orgs.) (2014). *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. *Papel da memória*. Tradução e introdução: José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

SILVA, Daléxon Sérgio da. Freiras silenciadas versus “santos” padres abusadores, o poder está na posição: análise discursiva de uma reportagem sobre casos de abusos sexuais na igreja católica da França. *Intersecções*, ano 12, n. 1, p. 158-175, 2019.

Sites consultados

UOL. *Sem perceber câmera ligada, pastor xinga esposa antes de live: 'imbecil'*. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/09/19/sem-perceber-camera-ligada-pastor-xinga-esposa-antes-de-live-imbecil.htm>. Acesso em: 04 agosto de 2021.

ISTOÉ. *Sem saber que estava ao vivo, pastor dá tapa e xinga mulher em live*. Disponível em: <https://istoe.com.br/sem-saber-que-estava-ao-vivo-pastor-da-tapa-e-xinga-mulher-em-live/>. Acesso em: 04 Agosto de 2021.

O CANAL. *Primeiro Impacto, telejornal do SBT, vira nova dor de cabeça de Ana Maria Braga na Globo*. Disponível em: <https://ocanal.com.br/primeiro-impacto-telejornal-do-sbt-vira-nova-dor-de-cabeca-de-ana-maria-braga-na-globo/> Acesso em: 04 Agosto de 2021.

PRAGMATISMO POLÍTICO. *Pastor evangélico agride esposa sem saber que estava sendo gravado*. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2020/09/pastor-evangelico-agride-esposa-sem-saber-que-estava-sendo-gravado.html>. Acesso em: 4 Agosto de 2021.

CANAL TECH. *Tudo sobre UOL. História e notícias. Canaltech*. Disponível em: <https://canaltech.com.br/empresa/uol-inc/#:~:text=Pioneiro%20na%20Internet%20brasileira%2C%20a,conglomerado%20de%20m%C3%A9dia%20Grupo%20Folha>. Acesso em: 4 Agosto 2021.